

Ensaio sobre Tipografia e Arquitectura: duas realidades?

Júlio da Costa Pinto

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

dacostapinto@gmail.com

TÓPICOS

Design de Comunicação (DC)

PALAVRAS-CHAVE

Tipografia, Design,
Arquitectura, Comunicação e
Informação

RESUMO

No presente texto aborda-se a inserção da tipografia na arquitectura e reflecte-se sobre o modo como a tipografia pode delinear a imagem da arquitectura. A temática é explicada com recurso a imagens do quotidiano e, a partir daí, são feitas considerações de carácter teórico e genérico. Portanto, o estudo centra-se na utilização da tipografia no elemento arquitectónico e a forma como convivem no mundo exterior. Para o efeito, a estrutura da análise segue um caminho que começa por apresentar uma visão do autor sobre a sua própria circunstância e vivência, para, posteriormente, partir para o questionamento da interdependência entre a arquitectura e a tipografia. De seguida, a temática é enquadrada no âmbito da dicotomia entre a compreensão dos elementos e a harmonia colaborativa entre eles para que, depois, se perceba a importância de olhar o mundo em que vivemos.

Introdução

A tipografia sempre esteve em consonância com as correntes arquitectónicas que se sucederam ao longo da história, acompanhando essa evolução. A arquitectura assimila constantemente conceitos próprios do mundo do design que, por vezes, acabam mesmo por sobrepor-se a outros valores próprios dos sistemas construtivos.

Qualquer projecto de arquitectura ou de tipografia reclama geometria, proporção, harmonia e sensibilidade. E, neste contexto, a tipografia deve estar de tal forma desenhada que não deve ser visível enquanto tal, e será essa simplicidade que a vai unir à arquitectura que perdurará no tempo.

A tipografia tem tido um papel de destaque quando se trata também de realizar projectos arquitectónicos no uso da simbologia que permite identificar objectos ou mensagens. Na arquitectura e na tipografia existem valores comuns que devem ser prezados quando pensamos na sua utilização conjunta: respeitar os materiais e dar-lhes um uso coerente com o objectivo social em causa. Dessa forma, entre a tipografia e a arquitectura forma-se um diálogo lógico que esconde mensagens muito eficazes.

Na presente reflexão procura-se explorar a aplicação da tipografia na arquitectura e descobrir a forma como a tipografia pode chegar a configurar a imagem da arquitectura e, ainda, como se desenvolve todo este processo. As valorações de carácter teórico serão elucidadas através do recurso a uma amostragem que traduz o quotidiano. Será portanto estudada a utilização da tipografia enquanto forma de se relacionar com a arquitectura construída. Isto porque, formalmente, tanto a arquitectura como a tipografia são uma forma de arte destinada a servir a sociedade, ou seja, arte ao serviço de um propósito concreto.

1. Uma visão particular: a minha própria circunstância

No nosso estudo pretendemos traçar uma visão panorâmica geral sobre as aproximações entre o design gráfico, principalmente a tipografia, e a arquitectura, procurando descrever as principais tentativas de ruptura e de união. A reflexão desenvolvida aborda especificamente a tipografia aplicada à arquitectura a partir das percepções do próprio autor, sistematizadas à luz da sua própria memória visual, sem se confinar a um espaço concreto, a uma linha de pensamento ou a um período no tempo. Portanto, dentro deste modelo assistemático pretendemos sim que seja possível identificar

e explicar situações concretas em que há uma incorporação do elemento tipográfico com a obra arquitectónica. Nesta abordagem é essencial procurar inspirações culturais comuns à linguagem tipográfica e aos elementos arquitectónicos.

Cremos que, este estudo pode contribuir para aproximar percepções visuais dispersas, para construir identidades e para melhor compreender a tipografia e arquitectura em si mesmos, bem como elementos inseridos na paisagem urbana.

Os dados que aqui são discutidos foram levantados, como já foi referido, através de uma visão muito própria do autor, da sua percepção individual dos caracteres inseridos em unidades construídas, enquanto indivíduo inserido no meio, enquanto sujeito que vive a sua própria circunstância. Houve, portanto, uma preocupação do observador de registar e reflectir sobre o universo de apontamentos tipográficos presentes na paisagem do mundo em que vivemos. Assim sendo, a actual apresentação de imagens dos mais diversos tipos de especificidades da tipografia não se encontra alicerçada numa catalogação objectiva com recurso a critérios rigorosos mas antes numa caminhada pela memória visual do seu autor.

2. Ponto de partida: interdependência entre a arquitectura e a tipografia?

Face aos objectivos traçados é essencial determinar qual o ponto de partida para a análise da mundividência, enquanto vivência do mundo, que aqui trazemos. Julgamos que, neste contexto, o melhor caminho só poderá ser aquele que se deixa iluminar pela interdependência. Isto porque entendemos que este conceito enquadra bem uma eventual relação entre a tipografia e a arquitectura onde, um binómio deste tipo é capaz de, através da forma como se relacionam os seus elementos, causar efeitos (positivos e/ou negativos) no modo como é interpretado. Ao mesmo tempo, esse binómio, por sua vez, é influenciado pelo todo que constitui a paisagem em que se insere. Com isso, é possível afirmarmos que os edificios compostos por elementos tipográficos interligam design e arquitectura, o que afecta o seu modo de afirmação na paisagem.

Se pensarmos no imenso impacto que o pormenor pode causar, chegaremos facilmente à conclusão de que cada pequeno detalhe contribui para a pureza da forma. Essa é a relação de interdependência a que queremos chegar: a consciência de que o todo depende da harmonia da forma. E cada detalhe depende do todo para existir.

3. Caminho a percorrer: da compreensão dos elementos à harmonia colaborativa?

A tipografia e a arquitectura podem ser duas formas profundamente interdependentes de procurar representar o mundo e reinterpretar o nosso conhecimento do mundo.

Tradicionalmente, a tipografia tem desempenhado um papel de sujeito invisível na grande parte dos papéis que assume, mantém-se na sombra enquanto a mensagem é transmitida. Essa mesma tradição diz-nos que a tipografia está associada ao design e às artes gráficas, embora a evolução dos tempos tenha esbatido a hegemonia do tipógrafo e tenha democratizado o acesso ao labor tipográfico (JURY, 2006). Este processo de acesso facilitado não significa que sejam sempre respeitados por todos os indivíduos que recorrem à tipografia, os princípios elementares da linguagem visual e da estética e que a mensagem seja transmitida tal como foi delineada. Por isso é bom reter que a tipografia facilita o acesso à informação. A melhor tipografia é uma forma visual que liga a temporalidade ao tempo (BRINGHURST, 2001).

Por seu turno, a arquitectura é a arte ou técnica de projectar e edificar o ambiente habitado pelo ser humano e da organização do espaço. A arquitectura manifesta-se em dois modos diferentes, por um lado a actividade do campo de trabalho do arquitecto e por outro o resultado físico. A arquitectura é um campo multidisciplinar, incluindo na sua base várias disciplinas como a matemática, as ciências, a tecnologia e as artes, entre outros.

Poderemos então questionar: Será que só existem elementos particulares, ou é viável equacionar que os universais, os elementos compostos, têm existência própria?

Tal como acontece na vida humana, o grande desafio será que os dois mundos em análise procurem compreender o outro e que este seja compreendido. Será uma busca constante para encontrar formas de conquista de um nível aceitável de tolerância e compreensão. Neste sentido, deve ser feito um esforço para que arquitectura e tipografia consigam viver numa harmonia colaborativa pois assim, a assimilação da mensagem será muito mais rica. Desta forma, para que esta compreensão seja atingida, é necessário um esforço inicial de entendimento individual, ou seja, o individual, embora não pretendendo constituir um fim em si mesmo, deve ser capaz de ter uma autonomia própria mesmo que depois seja reinterpretado aquando da sua inserção no todo. A vivência colaborativa exige uma compreensão individual e um esforço de integração.



Fig. 1 – Fotografia da fachada do Coliseu do Porto, Porto.

4. Ponto de chegada: vale a pena olhar o mundo?

É agora altura de concretizar as aproximações entre a forma dada pela arquitectura e pela tipografia, procurando pontos de conciliação ou de conflito através das imagens do mundo que nos rodeia.

Poderemos começar por pensar de que forma encaramos um texto quando este muda de escala, quando ele sai do papel e adquire proporções insólitas na paisagem urbana. Proporções estas que, todavia, acompanham a hierarquia dos elementos em que se insere. (Figura 1)

E quando um apontamento tipográfico ascende a um lugar distinto e se apresenta como um elemento esculpido, com relevo e profundidade? Aqui a mensagem a transmitir é diferente porque o elemento tipográfico é parte integrante do projecto arquitectónico, não podem ser dissociados, nasceram e cresceram juntos. Houve portanto um processo de incorporação mais profundo. (Figura 2)

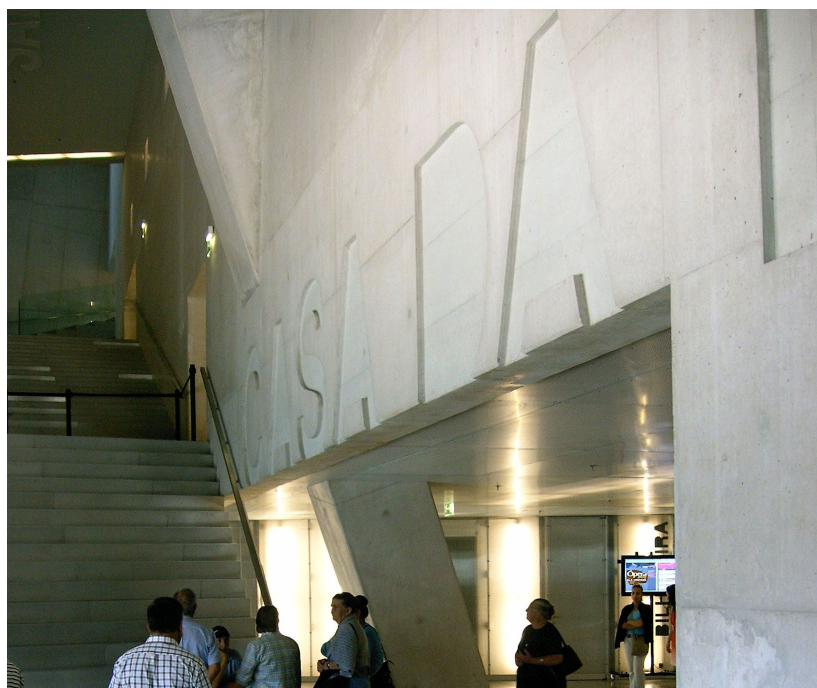


Fig. 2 – Fotografia da entrada principal da Casa da Música, Porto.

Esta imagem pode ilustrar a relação entre arquitectura e tipografia já que desde a antiguidade se foram esculpindo inscrições nos monumentos. Conhecemos bem inscrições e alegorias ao longo de toda a história clássica, passando pelo egípcio ou pelos romanos. No entanto, é nos princípios do séc. XX que, com a Arte Nova, se voltou a empregar um grande número de elementos tipográficos na arquitectura. Mas repare-se também que a partir do movimento

moderno, os elementos decorativos nas fachadas dos edifícios foi progressivamente desaparecendo.

Mas segundo Pierre Sciullo (SCIULLO, 2008) este estado de coisas está novamente a tomar um novo rumo em que se começa a estabelecer um novo diálogo entre designers gráficos e arquitectos e começam a surgir colaborações a este nível. (Figura 3)



Fig. 3 – Fotografia da entrada do restaurante Wagamama, Londres.

Existem, por outro lado, situações em que o elemento gráfico inserido na arquitectura não tem um significado neutro, são situações em que a tipografia tem uma função informativa, conexas com o edifício com que se relaciona. Existe uma informação objectiva a transmitir. (Figura 4)



Fig. 4 – Fotografia interior da Casa da Música, Porto.



Fig. 5 – Fotografia da fachada do Edifício World Trade Center, Macau.

Poderemos ainda encontrar situações em que a tipografia absorve o próprio elemento construído. Não se trata necessariamente de um conflito mas antes, talvez, de uma hierarquia diferente na mensagem a transmitir. São casos em que a tipografia assume o papel preponderante na edificação porque foi essa a valoração que a comunicação visual exigiu. (Figura 5)

Existem, no entanto, casos de perfeita colisão entre a arquitectura e a tipografia a ela associada. São situações em que a legibilidade é descurada, sem que o seja feito sem qualquer motivo justificativo. Nestes casos, a mensagem é interrompida, a comunicação fica paralisada, a fachada do edifício interfere com a leitura. (Figura 6)



Fig. 6 – Fotografia da fachada da Casa da Juventude, Esposende.

Nestes casos, a tipografia quando é mal utilizada é facilmente identificada mas dificilmente será bem interpretada, podendo mesmo aplicar-se a esta situação as palavras de David Jury a propósito da comunicação urbana: “Typography, when bad, is easy to recognize, but difficult to get right” (JURY, 2006).

Conclusão

Feita esta abordagem mundana poderemos deixar o repto para que todos passem a olhar os elementos tipográficos inseridos na arquitectura com outra visão, com um olhar mais atento mas também mais crítico. Procurando perceber que tal simbiose resulta de um prévio fundamento individual em que a tipografia não é arquitectura.

Mas também não poderemos pensar que a tipografia, nos casos descritos, é um instrumento da arquitectura porque, apesar de não podermos quebrar a simbiose estabelecida, a tipografia representa um valor autónomo. O elemento tipográfico que serve a arquitectura tem uma função própria seja informativa ou outra à qual a arquitectura em si mesma não é capaz de responder.

No entanto, no nosso quotidiano enquanto seres que têm a sua própria circunstância de vida, somos muitas vezes incapazes de

percepcionar esse valor autónomo da tipografia e acabamos por agrupar todos os elementos no espaço da arquitectura. Pois bem, é precisamente esse carácter nobre da tipografia que a faz passar muitas vezes despercebida aos nossos olhos de cidadão comum.

O desafio futuro será então reflectir sobre o presente ensaio e olhar a realidade arquitectónica com uma visão mais séria e esclarecida.

Referências

- BLACKWELL, Lewis – **20th Century Type Remix**. London: Laurence King. 1998. ISBN 1-85669-116-0
- BRINGHURST, Robert – **The Elements of Typographic Style**. 2nd edition, Canada: Hartley and Marks Publishers. 2001. ISBN 0-88179-132-6
- HEITLINGER, Paulo – **Tipografia Origens, formas e uso das letras**. Lisboa: Dinalivro, 2006. ISBN 972-576-396-3
- JURY, David – **What is Typography, Essential Design Handbooks**. Rotovision SA. 2006. ISBN 981-245-356-3
- RESTIVO, Joana – **Utopia - abertura de outras possibilidades na arquitectura**. E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia [Em linha]. n.º 5 (2006). [Consult. 17 Jun. 2011] Disponível internet: <URL: <http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>. ISSN 1645-958X
- SCIULLO, Pierre di – Tipografia y Arquitectura. In **Étapes 4 - Diseño y cultura visual**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2008. ISBN 978-84-252-2299-3, p.110-119.
- SPIEKERMANN, Erik; GINGER, E.M. – **Stop Stealing Sheep and Find Out How Type Works**. USA: Ed. Adobe Press. 1993. ISBN 0-672-48543-5